

ANTROPOLOGIA DA LITERATURA A MULTICULTURALIDADE NUM CORPUS LITERÁRIO PORTUGUÊS

Luís Souta *

Este trabalho apresenta uma abordagem holística do multicultural a partir de dois projectos de investigação – sobre a escola e os ciganos – cujo objetivo é a pesquisa, selecção, organização, sistematização e análise de um património literário português produzido, predominantemente, nos últimos dois séculos, e reportado ao conjunto do território nacional. Após breve análise da forma como emergem no corpus literário as seis dimensões do multicultural – classe social, género, nacionalidade, língua, religião, etnicidade –, questiona-se três ortodoxias que têm dificultado o desenvolvimento de uma Antropologia da Literatura

*«Que escolas havia na metrópole a ensinar ao mundo uma antropologia
abissal dos povos – negros, islâmicos, judaicos – que o destino nos dera
por companheiros na via sacra da História?*

*Onde estava uma literatura digna de tal nome que fosse a cristalização
deslumbrada desses encontros cruciais de raças e sangues?»*

Miguel Torga, *A Criação do Mundo (O Sexto Dia)*

Dois projectos de investigação centrados na literatura

O presente texto parte do cruzamento de dois projectos de investigação em curso: um, individual e académico – «A Escola através da Literatura» –, e

* ESE de Setúbal

outro, de equipa¹ e institucional – «Caminhos dos Ciganos na Literatura Portuguesa»

O primeiro, centrado numa instituição social – a escola – a que só muito recentemente os antropólogos vêm dando a devida atenção, analisa o processo educativo nas múltiplas concretizações «institucionais» que a escola assume – do pré-escolar ao ensino universitário, da escola laica ao seminário, do estabelecimento público ao ensino doméstico, da escolaridade à aprendizagem informal – com vista à caracterização do que chamamos o *Homo Scholaris*. A ideia deste projecto encontra raízes nas motivações antigas formuladas por Irene Lisboa, mas nunca concretizadas:

«Uma coisa há em que várias vezes tenho pensado em fazer o romance da nossa escola. Em dar bem dada, apanhar clara, vibrante, de surpresa, toda a má vida e toda a contrafacção dos que nela ensinam e dos que nela aprendem. Falar sem fantasias (nem eram precisas) das casas de ensino, dos hábitos, dos métodos, do espírito da nossa grande máquina escolar. Pô-los em relevo!

É grande esta ambição, é mesmo louca [] O romance da escola não é uma coisa mesquinha. Parece-me até grandioso, mas terrivelmente banal e complicado. É um tema tão vasto que me abafa

Quem seria capaz de o abordar, sem dureza nem pieguice?»

(Apontamentos, Irene Lisboa, 1943: 217)

O segundo projecto, centrado num tema inquestionável da tradição disciplinar antropológica, trata dessa ancestral minoria étnica existente no nosso país que, pela sua cultura ágrafa, tem deixado nas mãos de um punhado de *paiños* (não ciganos) a tarefa de escrita da(s) sua(s) história(s) errante(s), numa saga quase desconhecida de quatro séculos em Portugal, e da consequente construção social e cultural da sua imagem de «povo marginal»

*«Cor de azeitona é seu rosto
Vagabundo, rei do engano,*

¹ Em parceria com Elisa M^a Lopes da Costa, do CIDAC

*há quem o olhe com desgosto
e até ódio Pois eu gosto
do meu amigo cigano!*¹

(*Amigos em todo o mundo*, Leonel Neves, 1977: 38)

Nos dois casos, o processo investigativo visa a pesquisa, selecção, organização, sistematização e análise de um património literário português (avulso e disperso²) produzido, predominantemente, nos últimos dois séculos, e reportado ao conjunto do território continental, insular e ex-colónias

Ambos os projectos, partilhando o mesmo *rationale*, recorrem a um espólio documental específico, que tem andado arredado quer da ciência antropológica, onde se tem privilegiado a «oralitura» (não a «literatura») e a cultura popular (não a «erudita»), quer das ciências da educação, atraídas mais pelo «documento oficial» (com cheiro a pó ou com ar de inovação) ou pelo voluntarismo da acção educativa (numa prática que se quer sempre mudar). Continua-se, erradamente, a achar que este é o «quintal» exclusivo *dos* da Literatura Não querendo ir tão longe como Fernando Cristovão (1996) que considera «a Literatura como a Antropologia das Antropologias», é nosso entendimento, no entanto, que o uso da produção ficcional (romance, novela, conto, crónica, poesia) e não-ficcional (diário, memória, autobiografia e ensaio de cunho literário) da «tribo» dos intelectuais-escritores, não é apenas uma questão sobre outras fontes, mas principalmente um outro olhar, de síntese (a literatura «basta-lhe ser síntese», como dizia Aquilino Ribeiro³), de pertinência, e diversidade, onde o racional e o afectivo se conjugam numa escrita reflexiva que encoraja os investigadores sociais a alargar e aprofundar o conhecimento e o saber, sem tabus de fontes ou de métodos

² O *corpus* de «A Escola através da Literatura» é constituído por 250 livros de 100 autores – agrupados em quatro géneros literários: ficção em prosa (185), poesia (30), memórias, diários e autobiografias (30), ensaios de cunho literário (5) – enquanto que no *corpus* de «Caminhos dos Ciganos na Literatura Portuguesa» foram seleccionados (até ao momento) 155 livros de 100 escritores.

³ «Prefácio-Dedicatória» ao seu livro *Portugueses das Sete Partidas*, Bertrand, 6ª edição, 1992, p. 16.

Uma outra direcção nos caminhos Ciganos

Depois dos trabalhos pioneiros (mas parcelares) de antropólogos como Adolfo Coelho, Rocha Peixoto e Leite de Vasconcelos, continua-nos a faltar, infelizmente, uma obra de fôlego sobre os Ciganos (semelhante a *The Gypsies* de Angus Fraser, 1992 ou *Bury me Standing: the Gypsies and their Journey* de Isabel Fonseca, 1995). É um facto que as publicações sobre este grupo étnico se têm multiplicado, mas não se tem avançado por aí além no seu conhecimento concreto; na generalidade, as obras ou assumem um carácter de divulgação e reprodução de factos e saberes (nalguns casos só mudam as ilustrações e a cronologia actualiza-se) ou replicam-se as mesmas temáticas (e repetem-se as mesmas conclusões) em diferentes contextos geográficos.

Se nos centrarmos nestas últimas duas décadas, constatamos que nos estudos sobre a comunidade cigana se salientam três linhas de força (Souta, 1999): (i) Enfoque mais regional que nacional; (ii) Predomínio da problemática da (não)escolarização das crianças e jovens ciganos e do papel dos mediadores; (iii) Ausência de certas temáticas de pesquisa, como o abandono da investigação linguística sobre o caló, que tinha mobilizado os nossos antropólogos nos finais do século XIX.

É tendo em conta este quadro, que o presente projecto ensaia uma outra direcção para o conhecimento da presença cigana, no nosso país, através das obras ficcionais posteriores à primeira referência conhecida – *Farsa das Ciganas* de Gil Vicente (1521).

Dos textos literários já recolhidos, é possível verificar que eles balançam entre dois polos extremos: o da imagem negativa de uma marginalidade multifacetada

«Lá ladrões só algum maltês de fora e a canalha dos ciganos que adregavam passar para as feiras e sempre tinham artes, os trapaceiros, de deitar a unha à criação nos monturos, abafando uma galimba e estorcegando o garganhol a um capão enquanto se diz um ai, e mesmo nas barbas do mais pintado»
(*A Planície Heróica*, Manuel Ribeiro, 1927: 136)

e o do encantamento e fascinação pela vida nómada e pela fidelidade às suas idiossincrasias culturais

«Ciganos! []
A vossa vida não pertence ao rei
Não mutilaste estradas verdadeiras
Quem ama a liberdade odeia a lei
Que deu à terra a foice das fronteiras!
E, enquanto o aroma e a brisa e até as almas
Ficam irmãs das pérolas roubadas,
As mãos dos homens que vos são negadas
Tremem quando passais Mas batem palmas »
(Poesias Escolhidas, Pedro Homem de Mello, 1983: 110)

Nessa dupla faceta, se recorre frequentemente aos ciganos como referencial comparativo ou metafórico:

«Na terceira, constituíam-se grupos, homens e mulheres, cabeças pendidas pela saudade, xailes, rostos de crianças, seios ao léu, numa promiscuidade cigana »
(Emigrantes, Ferreira de Castro, 1928: 96)

«Era a mais bonita de nós e ficou solteira (Mas minha mãe devia ter sido atraente, e a tia Antonina tinha um corpo alto, esbelto, flexuoso como o das ciganas)»
(Confissão dum Homem Religioso, José Régio, 1971: 55)

Seis dimensões do multicultural na Escola

As obras dos escritores incorporam, de forma explícita, múltiplos registos informativos e reflexivos sobre o processo educativo, entendido este como «o comportamento que mais marca o quotidiano das nossas vidas e o mais quotidiano dos processos que orienta o nosso agir» (Iturra, 1994) Com esse acervo podemos cruzar múltiplos olhares (de género, classe, territorialidade, ou geracional), numa diversidade temporal que nos ajuda a ir para lá das análises conjunturais, da pequena política educativa dos períodos curtos, numa procura do

que é perene, estruturante ou invariante. Dessa complexa teia educativa, acarreamos para aqui apenas a componente multicultural.

Um *corpus* deste tipo, em que «a voz dum escritor [] preserva e testemunha» (Torga, 1976), permite não só (i) uma abordagem holística do multicultural, pela enorme variedade de situações, experiências e interações, em tempos e locais distintos, como (ii) ir além do que Bourdieu ensaiou n'As *Regras da Arte* (1992), quando as preocupações se focalizavam na «gênese e estrutura do campo literário».

Se tomarmos a multiculturalidade⁴ em sentido amplo – género, classe social, religião, língua, nacionalidade, etnicidade – ainda há material, na literatura portuguesa, que nos acalente a análise, mas se entendida em termos mais restritos e comuns – a etnicidade – o que se nos apresenta é quase irrisório. Trata-se de uma invisibilidade, quase nos atreveríamos a dizer natural, face a um país culturalmente «homogéneo» (pelo menos em duas «essências»: a língua e a religião), onde o «multirracial», vulgarizado numa certa época, não passava de slogan ideológico para propaganda de um regime que queria parecer o que não era (Souta, 1997).

Vejamos então, de forma muito sumária, como cada uma das dimensões do multicultural, entendido numa concepção holística, emerge neste *corpus* literário

1) Classe social: é a dimensão mais visível, principalmente nas obras que se enquadram no movimento neo-realista que a enfatizou até à exaustão; aí, o rural *vs* urbano surge numa centração dicotómica em torno do camponês e do operário industrial, num processo que acentua tanto os seus défices (de instrução, *v.g.*) como as suas especificidades (disponibilidade para a luta económico-política). Há quem considere que esta corrente teve, entre outros, o mérito de quebrar «o fantasma modelar» de Eça de Queirós (Carmo, 1998) que «*embora incapaz de auscultar o coração terroso e vivo da humilde camada social [] soube contudo surpreender o que havia de gasto, de ridículo e de tóxico na classe burguesa de que era ornamento e cronista [] O riso surge pela primeira*

⁴ Termo que prefiro ao multiculturalismo, por menos atreito a confusões ideológicas (lembram-se d'Os 4 ismos?); no mesmo sentido se pronuncia o meu colega e amigo Ricardo Vieira a páginas 151 do nº 12 desta revista

vez no seio duma literatura que ou vivia de sobrolho carregado, ou conhecia apenas o sarcasmo rude e digestivo» (Torga, 1955: 88) Os neo-realistas, todavia, acabaram por ser tão avessos à burguesia (assumiram-se como cronistas dos desfavorecidos) quanto ao riso, predominando nos seus trabalhos os tons cinzentos e carregados, talvez os que melhor condiziam com a atmosfera política da época

«Veio-lhe ao pensamento a última carta do seu Pedro “ Manda o nosso filho para a escola. Sem instrução, será um escravo ou um vadio .”

– Então não vou mais prà escola? – perguntou João

– Vais, quando eu tiver saúde

O pequeno compreendeu a incerteza da resposta e descaiu a cabeça sobre o peito. Ia a perguntar: – Já não serei doutor? – Mas as palavras ficaram-lhe retidas na garganta

– Amanhã – prosseguiu Madalena – vamos falar ao pai do Arturinho. Ele há-de arranjar-te um emprego na Fábrica Grande »

(Esteiros, Soeiro Pereira Gomes, 1941: 22-23)

2) Género: a presença feminina é tardia na literatura, como o é na generalidade de outras importantes áreas sociais, incluindo a Educação. Se repararmos a plêiade de escritoras como Irene Lisboa, Fernanda de Castro, Patrícia Joyce, M^a da Graça Freire, M^a Judite de Carvalho, Natália Nunes, Agustina Bessa Luís, Fernanda Botelho, Graça Pina de Morais, Esther de Lemos, Ana Hatherly, M^a Ondina Braga, Maria Velho da Costa nasceram quase todas no primeiro terço do séc XX (exceptuando Irene que é dos finais de XIX). No seu conjunto têm erguido uma «escrita feminina» que vem desocultando interações e modelos de socialização nos espaços escolares tradicionalmente destinados às mulheres.

«Não seria amor o que fazia Catarina estudar no dormitório do colégio, fora das horas do regulamento, perdida de sono, os pés metidos em água fria para não adormecer, à luz das velas compradas pelas contínuas às escondidas?! Não era estúpida como ela própria imaginava. Tinha uma inteligência mediana. Era só excessivamente feminina e todos os assuntos do exame estavam longe dela

Sentiu-se profundamente aliviada quando João lhe disse, no regresso da estação, que não valia a pena estudar mais. Acatou a opinião como uma ordem e resolveu nunca mais deixar a casa de João. Assim estava mais perto dele»
(*A Origem*, Graça Pina Morais, 1958: 144)

3) Nacionalidade: fica-se pela animosidade ancestral aos vizinhos espanhóis, uma ou outra referência ao europeu visitante (francês ou inglês) que se admira ou ao galego e brasileiro que se desdenham. Convém lembrar que até há bem pouco tempo, a mobilidade de gentes fazia-se, em sentido unívoco, daqui para fora. Daí o termos uma literatura de emigração mas não de imigração. O nacionalismo do «orgulhosamente sós», por outro lado, acentuou esse fechamento aos outros.

«Milheirinha anda na escola, fizera a quarta classe. Desse tempo lhe vinha a alcunha

– Milheirinha, quantos castelhanos eram para cada português na Batalha de Aljubarrota?

E ele dizia, sem uma hesitação: Grande papagueador de história pátria, o Milheirinha

O professor lhes ensinara que no mundo só um povo existia verdadeiramente heróico: o português. Soldados como os portugueses não se topavam segundos. Onde eles apareciam ia tudo raso. E belezas como as de Portugal, onde havia outras? Portugal era um jardim à beira-mar plantado

O professor lançava aos da quarta

– Qual é a história mais brilhante do mundo?

E eles, em coro, com uma segurança que enternecia:

– A história mais brilhante do mundo é a portuguesa.»

(*Aldeia*, Afonso Ribeiro, 1943: 153-154)

4) Língua: invisibilidade total de minorias linguísticas; importa ter presente que a IGP (língua gestual portuguesa) da comunidade Surda ou o Mirandês, só no findar deste século ganharam reconhecimento constitucional. Às línguas africanas não se lhes reconhecia tal estatuto, e do bilinguismo nem pensar quando o objectivo era a assimilação.

«Nas nossas escolas, quero dizer as escolas portuguesas, os alunos fazem grupinhos, é certo: macaenses e chineses para um lado, metropolitanos para outro. Mas não é uma questão de raça, é uma questão de língua. Os “de cá”, se têm dificuldade no português, não se sentem à vontade com os “de lá” e tendem a retrair-se e a falar chinês entre si, por mais que os professores preguem contra isso. Os metropolitanos, que não compreendem nem falam o chinês, naturalmente que formam grupo com quem se entendam.»

(*Bom dia, s'tora*, Graciete Nogueira Batalha, 1991: 31)

5) Religião: o catolicismo é hegemónico na nossa literatura; não admira, pois ainda hoje estamos a desbravar (e com que dificuldades) os obstáculos à laicização, na defesa de uma vida pública livre de todas as dominações religiosas, preconizadas, por exemplo, pelo Movimento na defesa da Carta Europeia da Laicidade de Étienne Pion

«E a outra freira disse ao pai: “Isto passa, sabe, quando é assim é melhor deixá-las. O senhor doutor pode ir embora que a gente trata dela.” E para Marília: “Vai ver as outras meninas, já estão todas na aula.”

Quando o pai abriu a porta da rua, Marília sentiu-se sufocar. Nunca mais o veria certamente, ele ia deixá-la no forno crematório, no Inferno as freiras iam cercá-la, abafá-la sob os hábitos negros, enrolá-la em ligaduras, pô-la numa fogueira. E Marília, num grito, completamente vermelha de pavor disse: “Eu não quero ficar aqui com elas.” Mas o pai, fazendo-lhe uma festa na cabeça, explicou: “Marília, tem que ser. Ou a menina quer ficar burra como a senhora Maria?” Marília teve saudades da senhora Maria que estava em casa a limpar o fogão. A senhora Maria pegava-lhe ao colo e estava sempre quente, nas mãos, na cara, no peito. O pai, as freiras, eram de gelo.»

(*Histórias, Memórias, Imagens e Mitos duma Geração Curiosa*, Eduarda Dionísio, 1981: 52)

6) Etnicidade: resume-se a africanos, em regra, em alguns textos sobre as colónias, ciganos e pouco mais

«Eu tinha inveja dos ciganos, das suas fogueiras em Além da Ponte, das suas carroças que os levavam para o sul e passavam a fronteira. Não tinham

casa, não eram obrigados a ir à escola, não estavam sujeitos a nenhum horário, a nenhuma obrigação. Um dia Zé Mafra, pai de um ciganito meu amigo disse-me uma coisa lindíssima, nunca mais a esqueci, parece um poema: cigano não tem casa, cigano só tem caminhos »
(Alma, Manuel Alegre, 1995: 146)

Neste quase deserto literário, da articulação entre etnicidade e escola, exceptuam-se três obras – *Ilba Doida* (1945) de Joaquim Ferrer, *As Raízes do Ódio* (1965) de Guilherme de Melo, *Bom dia, s'tora* (1991) de Graciete Nogueira Batalha – a merecerem um tratamento mais aprofundado num futuro próximo⁵ Nos romances de um escritor e de um jornalista, e no diário de uma professora, focam-se as questões do relacionamento interétnico entre crianças e jovens africanos, macaenses, chineses e portugueses e, em particular, o desenvolvimento conflitual da sua identidade étnica, enquanto estudantes num liceu de Moçambique, em diversos estabelecimentos de ensino de Macau, e num internato do centro do país

*«Todos o tratavam de “escarumba”, como se ele, Josefo Mendo, fosse qual-quer Banzana selvagem
Mas, aí! pouco a pouco foi-se mergulhando naquela ideia que eles tinham feito surgir na sua cabeça Sentia os seus lábios grossos, grossos como se fossem inchados Quando se isolava no seu canto, e à noite na cama, ao escuro, ou durante as aulas, ou enquanto estudava, ou quando passeava na forma, todo o dia, a todas as horas, passava a sua mão fina, escura, na sua cabeça. Então, sentia horrorizado que o seu cabelo não era liso como o de toda a gente. Sentia que na sua cabeça havia uma carapimba!
Tinba 15 anos e não sabia como, em tantos anos, jamais dera por isso! Foi preciso a Europa revelar-lho »*
(*Ilba Doida*, Joaquim Ferrer, 1945: 365)

⁵ Este será um tema que abordarei, com a colaboração de Ruben Cabral e Carlos Cardoso, num próximo número da revista *Educação, Sociedade e Culturas* «Experiências do vivido através da Literatura Portuguesa: Escolas e Multiculturalidades»

Em suma, o projecto da escola assenta numa literatura mais «memorialista», baseada num exercício retroactivo de recomposição de cenários e interações, facilitado pelo maior conhecimento e proximidade do escritor aos contextos educativos (convém salientar que todos eles frequentaram a instituição escolar e muitos ficaram por lá como docentes: Sebastião da Gama, Vergílio Ferreira, José Régio, José Rodrigues Miguéis, Tomás da Fonseca, Vitorino Nemésio, Ruben A., Ruy Belo, Augusto Abelaira, Eduarda Dionísio, M^a Rosa Colaço, João de Melo, etc.)

Quanto ao projecto dos ciganos, o seu suporte narrativo assenta numa «descrição» etnográfica, mais diferida, fruto de um maior afastamento do escritor face a esse grupo social, do qual se tem, nalguns casos, um conhecimento muito difuso; e daí que alguns textos apareçam evadidos de preconceitos

Estamos cientes que ambos os projectos de investigação, potenciam fortes debates em torno de dois eixos (que não irei aqui desenvolver): memórias e testemunhos, realidade e ficção; mas importa não deixar de ter sempre presente que, neste domínio, «a reconstrução do real é a própria verdade do literário» (Rocha, 1992: 38)

Três ortodoxias a questionar

Procura-se, com estes dois projectos, sustentar a ousadia metodológica de uma *Antropologia da Literatura* (seria essa a sua designação⁶) enquanto campo de intersecção multidisciplinar da Antropologia e da Literatura (ou dos *Cultural Studies*) e, no caso vertente, também das Ciências da Educação. Cruzar saberes de diversas disciplinas sociais e humanas é hoje uma orientação cada vez mais partilhada (Comissão Gulbenkian sobre a Reestruturação das Ciências Sociais, 1996). E neste quebrar de barreiras disciplinares, num reconhecimento de humildade científica das limitações próprias de todas elas, o movimento de

⁶ Embora circule uma outra promovida pela *Gradiua*, Revue Européenne d'Anthropologie Littéraire, cujo n.º 1 surgiu em 1996; a sua "sede" (ISPA) e o conteúdo dos artigos até agora publicados evidenciam o enfoque exclusivo da psicologia, ou com mais precisão, da psicanálise; se estivéssemos no tempo da *Presença* talvez a partilhássemos

aproximação faz-se nos dois sentidos, como o atesta Italo Calvino nas *Seis Propostas para o Próximo Milénio* «*Habitado como estou a considerar a literatura como procura do conhecimento, para me mover no terreno existencial tenho necessidade de considerá-lo extensível à antropologia, à etnologia, à mitologia*» (sublinhados nossos) (1990: 42)

Esta *Antropologia da Literatura* trilhará necessariamente os caminhos da cultura erudita e da diacronia, quase sempre evitados pelos antropólogos, porque «alheios» à especificidade fundadora da disciplina, como a ortodoxia académica nos ensinou. Sabemos o perigo que corre quem se afoita a «andar no arame» das rupturas e inovações: no caso presente, há o risco de pôr em causa um percurso e uma história de uma disciplina – frágil, cultivada em nichos académicos, com dificuldades em impor a sua utilidade social – mas que, e talvez por tudo isto, tem as suas âncoras, as suas seguranças, os seus «clássicos», que deram provas de eficácia e reconhecimento. Bourdieu já alertara para esses riscos: «*A ruptura que é preciso operar para fundar uma ciência rigorosa das obras culturais [] implica uma verdadeira conversão da maneira mais comum de pensar e de viver a vida intelectual, uma espécie de epochè da crença comumente concedida às coisas da cultura e às maneiras legítimas de as abordar*» (1992: 216)

Debrucemo-nos então sobre as três «ortodoxias» – o objecto, o trabalho de campo, a sincronia – que nos propomos questionar (uma heresia, dirão alguns):

1) Quanto ao objecto: a Antropologia, como ciência social autónoma, tem o seu aparecimento intrinsecamente associado ao período histórico em que o Ocidente, através da expansão colonial, «descobre» sociedades bem distintas e as incorpora na sua órbita política e económica. Jean Copans afirma mesmo que, nesta disciplina, «*o campo empírico é imposto à reflexão teórica: não é um pensamento à procura do seu objecto*» (1971: 32). E assim, estas sociedades – apodadas de primitivas, arcaicas, atrasadas, ágrafas, ou mais eufemisticamente, tradicionais e exóticas – de reduzida dimensão e aparente simplicidade, constituem-se no objecto primeiro da antropologia.

Com a descolonização, a antropologia do distante exótico deu lugar a uma «anthropology at home»; face a um «disappearing object» (que só o turismo hoje

em dia tenta desesperadamente negar, teimando vender viagens aos «últimos paraísos do homem»), o retorno ao Ocidente implicou, de início, apenas uma mudança de território. No essencial, replicou-se «aqui» o que se fazia «lá»: procurámos o «outro», o exótico, o «em vias de extinção», e, logicamente, partimos para o mundo rural; nas cidades, ficámos-nos pelos grupos minoritários dos bairros pobres, marginais e degradados de preferência (como Oscar Lewis tinha feito, nos anos 60 na cidade do México, com *Os Filhos de Sánchez*, naquela obra por muitos considerada como «literatura de realismo social»). Ultimamente, reencontrámos as minorias étnicas, agora imigradas. Mergulhámos na complexidade, por uma questão de sobrevivência disciplinar, mas demos prioridade à «diferença social e cultural». O olhar do antropólogo, sobre a sociedade moderna, continua preso dessa herança do passado.

Mais ainda, este regresso a casa pôs-nos em concorrência com a ciência-irmã – Sociologia – que, não tem cessado de reclamar uma espécie de «tratado de tordesilhas», temático e teórico-metodológico (Cabral, 1998), para a divisão (assimétrica) do trabalho nas novas mega-urbes, remetendo-nos a uma espécie de «acantonamento» antropológico.

Continuar nesta via – o que sustenta uma certa crítica que nos é feita, de nos ocuparmos com o estudo de «miudezas» – é correr o risco de ficarmos novamente órfãos de objecto científico, a curto prazo e pela segunda vez, perante o mais que previsível movimento de homogeneização massificadora, decorrente da mundialização da economia e do imparável fenómeno de globalização sócio-cultural.

2) Quanto ao trabalho de campo: a reputação e prestígio da Antropologia advém-lhe muito da originalidade e eficácia do seu método – o trabalho de campo através da observação participante e, como corolário, a comparação das formas culturais. O distanciamento na observação e análise e o olhar exterior, face a uma realidade estranha, fazem da distância «a condição por excelência do conhecimento etnográfico». O método antropológico decorre igualmente de dois outros factores caracterizadores das sociedades tradicionais: a ausência de documentos escritos e a sua dimensão, o que obriga, por um lado, a um contacto directo com as populações e, por outro, permite o seu estudo global. Daqui decorrem as grandes mais valias antropológicas: a experiência *cross-*

-*cultural*, a perspectiva holística, e um conhecimento mais «subjectivo» por uma entrada mais personalizada dentro do universo estudado.

No entanto, uma ciência não é o método, e hoje, com o primado do ecletismo e da multi/inter/transdisciplinaridade, ainda menos.

É conhecida, no seio na nossa «tribo», a linha divisória entre quem é ou não, de facto, antropólogo e essa linha é a prática do trabalho de campo (e quanto mais prolongada a estadia mais estatuto se auffer) Os outros, os excluídos por esta tirana «espada de Dâmocles», chamam em sua defesa a autoridade de Edmund Leach e da sua célebre frase «a antropologia é o que fazem os antropólogos»

No processo de «ocidentalização» disciplinar, acima referido, a Antropologia optou naturalmente pelas comunidades «acústicas», onde a ausência de documentos escritos era um dos seus traços distintivos (o analfabetismo secular, entre nós, era propício a essa *démarche*) Nessa aventura «romântica» descobre-se o folclore, recolhem-se os artefactos, compilam-se as lendas Ficámos com a «literatura oral»: os mitos, os provérbios, as adivinhas, os contos, as cantigas e lengalengas (sempre adjectivadas de popular), aquilo a que Bernard Muralis (1982) chama *As ContraLiteraturas* ou que Arnaldo Saraiva (1980) designa de *Literatura Marginalizada*⁷; e assim, lá estava o capítulo obrigatório da monografia funcionalista dedicada à oralitura Também aqui, estamos numa área que deu o que tinha a dar O analfabetismo está reduzido à escala da «extinção», a sociedade do conhecimento e da informação cresce, pelo que a escrita é incontornável para os antropólogos (como Jack Goody o demonstrou)

3) Quanto à sincronia: temos privilegiado a dimensão sincrónica e recorrido à dimensão diacrónica de forma pontual, esporádica e acessória, quer pelas genealogias e histórias de vida (Raúl Iturra, Ricardo Vieira) quer pelos que ensaiaram uma História Antropológica (Randles, Wachtel, Robert Rowland)

Ou seja, temos andado mais pelo «local» (comunitário, de preferência), o nível micro, os estudos de caso, o tempo presente Ora o alargamento temporal das análises é um ganho considerável na compreensão de realidades culturais

⁷ A que ele acrescenta o anúncio, os graffiti, a epígrafe,

dinâmicas Não podemos continuar a ser só «fotógrafos» sociais na era do multi-media

O 2º Congresso de Antropologia, realizado de 15 a 17 de Novembro de 1999, foi já o prenúncio, entre nós, desta abertura/aproximação/cruzamento, como lhe queiram chamar, da Antropologia com a Literatura; duas mesas, a título de exemplo: (i) «Antropologia como Ficção: as escritas antropológicas», onde o italiano Alberto Sobrero lembrou que os romancistas «algumas vezes melhor que os antropólogos, escrevem sobre antropologia»⁸, o que não anda longe do que Wright Mills constatava para a ciência-irmã «uma obra literária ensina, às vezes, mais, de Sociologia exercida, que certos compêndios de tantos profissionais desta ciência»; (ii) «Antropologia da arte e da estética» onde se aceitavam «como objecto [] manifestações de arte erudita [sublinhado nosso] e popular, nos seus vários suportes e meios de apresentação»

A heterogeneidade, que tanto reclamamos, parece estar a chegar também aos métodos, às técnicas, às fontes, aos suportes

Em conclusão, não procuro, de modo algum, pôr em causa o passado da nossa disciplina científica, nem sequer questionar a sua validade Quero apenas que ela seja ousada na procura de novas fronteiras, novas temáticas, novas abordagens Nada do que é humano nos deve ser estranho, não é verdade?"

Faço votos para que num futuro próximo, estes novos caminhos estejam mais desbravados, consolidados e reconhecidos.

Correspondência: Luís Souta, Escola Superior de Educação de Setúbal, Estefamilha, Rua Vale Chaves, Estefamilha, 2914-504 Setúbal

Email: lsouta@ese.ips.pt

⁸ Vários são os escritores, entre nós, a quem é reconhecido o carácter etnográfico e/ou antropológico a algumas das suas obras: Aquilino Ribeiro, Alves Redol, Miguel Torga, Tomaz Ribas, Teixeira de Pascoaes, Todavia, poucos têm sido os antropólogos que se debruçaram sobre a literatura (erudita); Alfredo Margarido é o exemplo que nos ocorre

Referências

- BOURDIEU, Pierre (1992) *As Regras da Arte Gênese e Estrutura do Campo Literário*, Lisboa: Editorial Presença, 1996
- CABRAL, João de Pina (1998) «A antropologia e a questão disciplinar», *Análise Social*, vol XXXIII, 149, 1081-1092
- CALVINO, Italo (1990) *Seis Propostas para o Próximo Milénio (Lições Americanas)*, Lisboa: Teorema, 3ª edição, 1998.
- CARMO, Carina Infante do (1998) *Adolescer em Clausura – Olhares de Aquilino, Rêgio e Vergílio Ferreira sobre o Romance de Internato*, Faro e Viseu: CEAR-Universidade do Algarve
- Comissão Gulbenkian sobre a Reestruturação das Ciências Sociais (1996) *Para abrir as Ciências Sociais*, Publicações Europa-América
- COPANS, Jean (1971) «Da Etnologia à Antropologia», in Jean Copans *et al Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas?*, Edições 70, 1974, 13-56
- CRISTÓVÃO, Fernando (1996) «A Literatura como Antropologia das Antropologias», in *Sílvio Romero e Teófilo Braga – Actas do III Colóquio Tobias Barreto*, Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 241-258
- ITURRA, Raúl (1994) «O processo educativo: ensino ou aprendizagem», *Educação, Sociedade & Culturas*, 1, 29-50.
- LEWIS, Oscar (1961) *Os Filhos de Sánchez*, Moraes Editores, 2ª edição, 1979
- MOURALIS, Bernard (1975) *As ContraLiteraturas*, Coimbra: Livraria Almedina, 1982
- ROCHA, Clara (1992) *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra: Almedina
- SARAIVA, Arnaldo (1980) *Literatura Marginalizada novos ensaios*, Porto: Edições Árvore
- SOUTA, Luís (1997) *Multiculturalidade & Educação*, Porto: Profedições
- SOUTA, Luís (1999) Recensão ao livro «O Povo Cigano entre Portugal e Terras de Além-Mar (Séculos XVI-XIX)» de Elisa Mª Lopes da Costa, *Inovação*, vol 12, nº 3, pp 166-169
- TORGA, Miguel (1955) «Panorama da Literatura Portuguesa», in *Traço de União*. Coimbra, 2ª edição, 1969, 73-121
- TORGA, Miguel (1976) *Fogo Preso*, Coimbra, 2ª edição, 1989

Referências literárias

- AIEGRE, Manuel (1995) *Alma*, Lisboa: Publicações Dom Quixote
- CASIRO, Ferreira de (1928) *Emigrantes*, Lisboa: Guimarães Editores, 23ª edição, 1988
- DIONÍSIO, Eduarda (1981) *Histórias, Memórias, Imagens e Mitos duma Geração Curiosa* Círculo de Leitores
- GOMES, Soeiro Pereira (1941) *Esteiros*, Lisboa: Publicações Europa-América, 6ª edição, 1966
- LISBOA, Irene (1943) *Apontamentos*, Lisboa: Editorial Presença, volume VIII, 2ª edição, 1998
- MEILLO, Pedro Homem de (1948) «Miserere», in *Poesias Escolhidas*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983

EDUCAÇÃO
SOCIEDADE & CULTURAS

- MORAIS, Graça Pina de (1958) *A Origem*, Lisboa: Antígona, 2ª edição, 1991
NEVES, Leonel (1977) *Amigos em Todo o Mundo*, Lisboa: Livros Horizonte
RÉGIO, José (1971) *Confissão dum Homem Religioso*, Brasília Editora, 2ª edição, 1983
RIBEIRO, Afonso (1943) *Aldeia*, Porto: Livraria Progredior
RIBEIRO, Manuel (1927) *A Planície Heróica*, Lisboa: Guimarães Editores
BATAIHA, Graciete Nogueira (1991) *Bom dia, s'tora (diário duma professora em Macau)*, Macau:
Instituto Cultural de Macau
MELO, Guilherme de (1965) *As Raizes do Ódio*, Lisboa: Editorial Notícias, 2ª edição, 1990
FERRER, Joaquim (1945) *Ilha Doida*, Coimbra Editora